



CONSCIÊNCIA CRISTÃ E FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO NO BRASIL. UMA ANÁLISE SOBRE OS IMPACTOS POLÍTICOS-MIDIÁTICOS NA FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA.¹

CHRISTIAN AWARENESS AND RELIGIOUS FUNDAMENTALISM IN BRAZIL. AN ANALYSIS OF THE POLITICAL-MEDIA IMPACTS ON THE FORMATION OF CRITICAL AWARENESS.

André Bocatto de Almeida*

Resumo:

O presente artigo pretende analisar o tema do fundamentalismo religioso no Brasil no cenário de polarização ideológica e discurso decididamente religioso de teor neopentecostal. Encontramo-nos diante do mecanismo de anestesiamento das consciências, e de certo modo, incentiva um enrijecimento da própria discursividade. O tema a ser analisado impele a refletir sobre os 'novos ventos' de fundamentalismo que rondam a democracia brasileira com um ambiente religioso que acirra a disputa de narrativas e de convencimento. Este artigo pretende dissecar os traços fundamentalistas e políticos no discurso religioso aos quais se tornaram terreno fértil para a ação política no território brasileiro de um novo governo polarizado. Perpassando pela retórica fanática e a execução de bênçãos ao governo eleito, se questionará essa aproximação, cenários e vantagens que os lados foram premiados por esta aliança. Usar-se-á autores das ciências da religião e da teologia que aprofundam essa questão sobre o fundamentalismo, embora o foco seja o de apresentar um juízo ético-moral que explicita a necessidade da formação da consciência. Assim, o tema impele a refletir sobre o ambiente digital, lugar da execução desse projeto em curso. Para isso, o artigo será elucidado por três caminhos: a) descrever a compreensão de fundamentalismo e as suas expressões; b) identificar-se-á as reações de ódio e violência nos ambientes digitais e, c) vislumbrar-se-á a formação da consciência livre e autônoma como caminho a ser percorrido.

Palavras-chave: Fundamentalismo religioso; Colonização digital; Formação da Consciência.

Abstract: This article intends to analyze the theme of religious fundamentalism in Brazil in the context of ideological polarization and decidedly religious discourse of neo-Pentecostal content. We are faced with the mechanism of anesthetization of consciences, and in a way, it encourages a stiffening of the discourse itself. The theme to be analyzed encourages reflection on the 'new winds' of fundamentalism that surround Brazilian democracy with a religious environment that intensifies the dispute over narratives and persuasion. This article intends to dissect the fundamentalist and political traits in the religious discourse which became fertile ground for political action in the Brazilian territory of a new polarized government. Passing through fanatical rhetoric and the execution of blessings to the elected government, this approach, scenarios and advantages that the sides were awarded by this alliance will be questioned. Authors from the sciences of religion and theology will be used who deepen this question about fundamentalism, although the focus is to present an ethical-moral judgment that explains the need for the formation of conscience. Thus, the

¹ Enviado em: 25.09.2020. Aceito em: 16.10.2021.

* E-mail: jobiten@bol.com.br

theme prompts us to reflect on the digital environment, the place where this ongoing project is carried out. For this, the article will be elucidated in three ways: a) describe the understanding of fundamentalism and its expressions; b) the reactions of hatred and violence in digital environments will be identified and, c) the formation of a free and autonomous conscience will be glimpsed as a path to be followed.

Keywords: Religious fundamentalism; Digital colonization; Awareness formation.

Introdução

Tem-se avistado desde a campanha eleitoral de 2018, o retorno a questão de Deus e adesão religiosa de candidatos com discursividade confessional como plataforma política. Após o pleito e posse do presidente eleito, Jair Messias Bolsonaro, o apelo explícito ao discurso religioso tem sido usado como afirmação de promessas de campanha a um público afinado com suas propostas. O poder político novamente manifesta a sua força coercitiva mediante a gramática religiosa veiculada por movimentos e igrejas neopentecostais. Renova-se este velho aliado da religião que em tempos remotos teve essencial papel na consolidação de agendas políticas poderosas. O discurso religioso ressurgiu com toda a força em governos que prometem conquistar espaços por “convertê-los”.

O presente artigo pretende analisar este cenário complexo e polêmico do qual afirma-se uma nova forma de fundamentalismo religioso em discursos oficiais, onde a estrutura discursiva não é neutra ou isenta de perspectivas e o teor religioso é pretexto salvador do cotidiano. Desta maneira, a relação entre religião e política se firma intrinsecamente no exercício do poder pastoral e de governo, identificando os meios digitais como campo de ação desse projeto religioso e político, sendo ambiente de manipulação e massificação ideológica.

Pretende-se analisar como “chavões” políticos exprimem o retorno de uma gramática religiosa fundamentalista e fanática, a favorecer uma política com polarizações e interesses ideológicos ainda a serem descobertos. Inicialmente, se quer apresentar o cenário do que pode ser caracterizado como fundamentalismo e fanatismo religioso; posteriormente, propõe-se a situar esta realidade particular nas redes sociais e da necessária formação de uma consciência crítica. Deste modo, insiste-se no fato de que vivemos hoje uma polarização política mediante elementos da narrativa linguagem fora de contexto.

Fundamentalismo em movimento: novas alianças entre o poder político e religioso

O tema do fundamentalismo tem atraído a atenção no que se refere à compreensão do comportamento humano. A sua perspectiva religiosa caracteriza-se por sutil mecanismo de negação da secularidade e a afirmação moralista da religião, onde o confessional se impõe de forma acrítica. A religião, compreendida como referencial mais subjetivo, ao ocupar o centro de certas polêmicas que exigiriam contínuos debates, encerra a troca discursiva por meio de menções anacrônicas de textos sagrados.²

² VIDAL, M. Moral cristã em tempos de relativismo e fundamentalismo. Aparecida, SP: Santuário, 2010, pp. 6-7.

Observa-se na cultura contemporânea a falta de apreço pelo outro que legitima a intolerância ideológica, apoiada na compreensão de religião destituída de criticidade³. Frente às crises de valores e autonomia do sujeito, emergem grupos de apologética dos costumes e de normatividade impositiva de seus valores confessionais no espaço público.

Acerca disto, Anjos, identifica o esquema do caminho identitário do sujeito, no qual o fundamentalismo não é uma falha cognitiva, mas uma “uma reação que se soma frequentemente a uma posição narcisista exacerbada”⁴, gerando comportamentos pautados na autoafirmação e supremacia de valores. Em linhas gerais,

[...] torna-se um movimento, na contemporaneidade, presente em várias partes do mundo e em grupos diversos, seja no Islamismo, onde existem guerras com o discurso que “em nome de Deus” tem o direito de matar aqueles que são contra determinadas doutrinas; seja no Ocidente, com algumas igrejas neopentecostais, que não dialogam com outras igrejas e não possuem o respeito aos Outros evitando, assim, o diálogo inter-religioso⁵.

A expressão 'fundamentalismo', foi sendo lentamente assimilada no horizonte da cultura e da reflexão. Entre os anos 1837-1899, emerge a figura do protestante Dwight Moody, que teria dado origem ao costume de colocar Bíblias nos quartos em hotéis⁶. No entanto, a notoriedade é remetida ao contexto protestante norte-americano, nos anos 1878-1879 no *Niagara Bible Conference*. O termo foi utilizado pela primeira vez como referência aos fundamentos da fé cristã e como tentativa de defesa da inerrância e a infalibilidade bíblica frente aos avanços da teologia europeia e criticidade à Bíblia.

Todavia, o viés bíblico e a sua leitura redutivista é o que mais se torna explícito no cenário social. Para Konings, os usos literalista e ‘fundamentalista’, servem para “encobrir, consciente ou inconscientemente, motivações psicológicas ou sociológicas profundas”⁷, de quem remonta à mensagem de textos complexos e julgando encontrar na Bíblia, uma moralidade infalível proveniente do próprio Deus. Para ele,

[...] o grande perigo do fundamentalismo, não está no texto bíblico, mas na recusa da hermenêutica. Recusa insustentável, pois o próprio fato de recusar a hermenêutica já é um posicionamento interpretativo. [...] mais do que uma prova de fé radical, é uma necessidade psicológica: a necessidade de uma referência firme fora da própria instância de julgamento e, uma necessidade sociológica ou sociopsicológica: a confirmação da identidade do grupo.

³ MATTOS, L. A. de. Fundamentalismo e intolerância na perspectiva da vida dos pobres, vulneráveis e excluídos. In: ANJOS, M. F. dos; ZACHARIAS, R. (Org.). *Ética entre poder e autoridade: perspectivas de teologia cristã*. Aparecida, SP: Santuário, 2019, p. 238.

⁴ ANJOS, M. F. dos. Teologia Moral e história no contexto mundial inquieto. In: PESSINI, L.; ZACHARIAS, R. (Org.). *Ser e educar: teologia moral, tempos de incertezas e urgência educativa*. Aparecida, SP: Santuário, 2011, p. 27.

⁵ CAMPOS, F. V. O.; SILVEIRA, L. H. L.; BONFATTI, P. F. A religião e o fundamentalismo religioso na contemporaneidade: uma análise da psicologia junguiana. In: *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, Juiz de Fora, v.21, n. 2, jul./dez. 2018, p. 178. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/22158>>. Acessado em: 05/09/2020.

⁶ COSTA, M. L.; MESSIAS, A. S. *Fundamentalismo religioso: um fenômeno tipificável?* Revista Acadêmica de Filosofia e Teologia da Faculdade João Paulo II, nº18, 2018, p.164. Disponível em: <<http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/191>>. Acessado em 05/08/2020.

⁷ KONINGS, J. Fundamentalismo bíblico-teológico-religioso. In: MILLEN, M. I.; ZACHARIAS, R. (orgs). *Fundamentalismo: desafios à ética teológica*. Aparecida, SP: Santuário, 2017, p. 174.

Quanto mais acuado ou ameaçado, tanto mais o grupo se defende por afirmações inquestionáveis⁸.

O fundamentalismo também possui uma faceta de fanatismo, no qual pode “propiciar um adoecimento psíquico, favorecendo a consciência alienada e preconceituosa”⁹. No viés religioso é uma ideologia que se absolutiza em uma dimensão da verdade, carregada de autoritarismo. Hoje, encontra seu espaço no universo midiático, podendo ser caracterizado como adesão incondicional narcísica, o que pode conduzir à pretensa autoridade de “dono da verdade” que salva¹⁰. Na atualidade, há grupos religiosos que protagonizam uma retórica midiática que, em nome de Deus, disseminam uma narrativa de verdade incondicional a ser aceita por todos¹¹.

Neste sentido, o espaço público acometido de valores e sentimentos de foro particular, proporciona um “regime de publicização da religião”¹² por tons de orientações políticas dicotômicas e de permanente embate com algum adversário em busca de posição hegemônica. Para Almeida, esse processo resulta na construção de uma lógica com inclinação para a guerra, a destruição do diferente e a projeção de um deus comprometido com regimes autoritários. Segundo ele,

A maior parte dos deputados federais que evocaram deus está politicamente comprometida com a pauta que apontam para uma moralidade pública mais reguladora, para uma economia menos estatizante e mais pró-mercado e para uma política de segurança mais repressiva e punitiva¹³.

Neste contexto, tivemos um candidato à presidência da república que se projetou ao encontro desses pensamentos mais conservadores. O então deputado Bolsonaro, cresceu no cenário político e foi eleito para o mandato de 2019 a 2022, com 55,13% dos votos. Este, assumiu um discurso que agradou as camadas mais conservadoras da sociedade brasileira, incluindo alas de religiões cristãs neopentecostais. Pode-se captar isso a partir de dois momentos do seu discurso de posse. Esse primeiro, proferido no Congresso Nacional:

Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores. O Brasil voltará a ser um país livre das amarras ideológicas, afirmou Bolsonaro em seu discurso de posse no Congresso, reforçando valores conservadores que foram centrais para a sua eleição¹⁴.

⁸ KONINGS, 2010, p. 178-179.

⁹ CAMPOS, 2018, p. 178.

¹⁰ ROCHA, Z. A perversão dos ideais no fundamentalismo religioso. In: *Revista Latinoam. Psicopat.* Fund. São Paulo, 17(3-Suppl.), 761-774, set. 2014, p. 767. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=A+pervers%C3%A3o+dos+ideais+no+fundamentalismo+religioso&rlz=1C1NHXL_pt-BRBR787BR787&oq=A+pervers%C3%A3o+dos+ideais+no+fundamentalismo+religioso&aqs=chrome..69i57j69i64l2.484j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8#>. Acesso em: 05 de ago. 2020.

¹¹ CAMPOS, 2018, p. 178.

¹² BURITY, J. A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder? In: ALMEIDA, R.; TONIOL, R. (Org.). *Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais*. Campinas, SP: Unicamp, 2018, p. 20.

¹³ ALMEIDA, R. de. Deuses do parlamento: os impedimentos de Dilma. In: ALMEIDA, R.; TONIOL, R. (Org.). *Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais*. Campinas, SP: Unicamp, 2018, p.177.

¹⁴ BBC NEWS BRASIL. *Cinco pontos que marcaram os discursos de posse de Bolsonaro*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46730648>>. Acesso em: 06 de Ago. 2020.

Os mesmos temas estiveram presentes no discurso do presidente para a grande multidão que o esperava no Planalto; assim se exprimia,

Não podemos deixar que ideologias nefastas destruam valores e famílias. (...) temos o desafio de enfrentar os efeitos da crise econômica, do desemprego recorde, da ideologização de nossas crianças, da desvirtualização dos direitos humanos, da desconstrução da família¹⁵.

Certos grupos tanto evangélicos como os católicos manifestaram interesse de estar próximos ao presidente. Muitos desses precisariam renovar e garantir concessões para o funcionamento de suas TVs, rádios, já que são nesses meios que suas ideias são propagadas e sua influência de poder vai além dos muros de seus templos. Para Almeida, a entrada dos evangélicos na esfera do exercício político, a partir de 1980, configura uma aproximação em vista de canalização de recursos por isenções e concessões, interesse este que se torna prioritário frente à regulamentação dos comportamentos. No entanto, a datar em 2013, vê-se temáticas acerca da moralidade tomando força e tornando-se disputa pública¹⁶.

Em linhas gerais, percebe-se que a política e a religião podem exercer uma forte influência no espaço público. O perigo para a democracia dá-se quando uma determinada religião se apodera desses espaços públicos como trocas de favores com os poderes, e em especial com o presidente da República, com o intuito de garantir o clientelismo entre religião e poder¹⁷. Este mecanismo pode conduzir à legitimação de ideias preconceituosas e fundamentalistas que alimenta algum tipo de discriminação. Na verdade, esse retrocesso político-religioso no contexto brasileiro é uma manifestação atual de um fenômeno mais profundo e cultural que acomete a sociedade brasileira há um longo tempo¹⁸.

No contexto brasileiro, durante a última eleição presidencial (2018), viu-se a efervescência de discursos políticos influenciados por uma forte insistência em apregoar a supremacia de aspectos religiosos em detrimento da discussão racional e crítica. O candidato, Jair Messias Bolsonaro, foi o protagonista deste complexo processo. Com seu discurso populista e conservador, principalmente sobre: aborto, crianças, ideologia de gênero, casamento entre pessoas do mesmo sexo, comunismo, PT e afins angariou apoio de fiéis, líderes religiosos e da bancada evangélica e católica no congresso; uma agenda comprometida aos ideais religiosos que se fortalece entre o poder temporal e o poder religioso.

Nesta conjuntura, proporcionando o cenário de perigosa aliança entre política e religião, evidenciadas por manifestações que tomaram tons gerais no território nacional – geográfica e digitalmente, indicou-se a movimentação da onda conservadora na atualidade que traz novos mecanismo colonizadores do outro, orquestrada na retórica do presidente eleito, assimilada por seus seguidores. Tais pautas, fortalecidas por gurus religiosos' midiáticos, entrelaçaram o púlpito ao

¹⁵ BBC NEWS BRASIL. *Cinco pontos que marcaram os discursos de posse de Bolsonaro*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46730648>>. Acesso em: 06 de Ago. 2020.

¹⁶ ALMEIDA, 2018, p. 183-184.

¹⁷ NODARI, Paulo César; CESCÓN, Everaldo. Ética e religião. In: TORRES, João Carlos Brum (Org.). *Manual de Ética. Questões de ética teórica e aplicada*. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 494.

¹⁸ SILVA, Juremir Machado da. *Raízes do conservadorismo brasileiro*. A abolição na imprensa e no imaginário social. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 23.

palanque, assim, a chave cristã compôs o eleitorado e as perspectivas futuras, a disputa pelo o espaço público, comportamentos e corpos potencializando conflitos e tensões¹⁹.

A colonização midiático-digital na consciência: violência e fundamentalismo religioso no Brasil atual

A efervescência política e religiosa é muito comum em momentos de midiáticas formas de interação visando dinamizar a vida dos indivíduos. Vislumbra-se por essas inovadoras ferramentas, o desenvolvimento narrativo dos atores sociais juntamente à mutação da coletividade. Através dessas joviais e originais extensões da linguagem, distâncias foram abreviadas e emancipou a individualidade, pois, notabilizasse a modificação quanto à jurisdição da informação, sendo que, na história da comunicação os grandes veículos eram promotores de dados, agora, no campo virtual transmuta a todos como receptores e atores²⁰.

Diante dessa pluralidade de narrativas e elocuições, emergem fenômenos complexos que resultam em variáveis comportamentais nos contextos sociais, na visão de mundo e do homem. Nesse trânsito virtual de dados, reverberam técnicas de persuasão não formuladas no exercício ético e racional, mas sim pautadas por crenças, valores e desejos balizadores de uma visão tempestuosamente fechada ao diálogo. Segundo Vidal,

[...] falar em ética é referir-se tanto à sensibilidade como aos conteúdos morais. Por isso a ética civil alude à dupla vertente [...] É convergência moral das diversas opções morais da sociedade; constitui a moral “comum” dentro do legítimo pluralismo de opções éticas. É a garantia que unifica e autêntica os projetos humanos. Apoia-se na racionalidade humana sendo patrimônio comum da coletividade. É mínimo moral comum aceito pelo conjunto [...] não dispersa nem enclausura, mas unifica e universaliza²¹.

A partir dessas elucidações sobre os *ciberespaços*²², nos últimos tempos se vislumbra o fenômeno do convencimento pelas redes digitais. As pessoas, ao se comunicarem, objetivam seduzir e convencer, mesmo que esbarrando em desarmonias fazem uso dos instrumentais da coerção, autoridade e tradição como meios de validação e colonização do outro sujeito.

Obter o outro, invadindo a sua subjetividade e gerenciando seu “poder” de decisão e liberdade, constitui-se como o “mapa do tesouro” para os novos colonizadores digitais, pois conhecendo sua intimidade e enfraquecendo a autonomia do ente, favorece o fenômeno massificante. Entende-se na figura de um “líder digitalizado” o exercício do poder conquistador e

¹⁹ ALMEIDA, R. de. Bolsonaro Presidente: Conservadorismo, Evangelismo e a crise brasileira. In: *Novos estud. CEBRAP* [online], vol. 38, n. 1, 2019, p. 209. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002019000100010>. Acesso em: 05 de Ago. 2020.

²⁰ CAVALHEIRO, G.; BRANDÃO, C.G. Comunicação e retórica: um contexto teórico para pensar a pós-verdade. In: GUARESCHI, P. A.; AMON, D.; GUERRA, A. (Org.) *Psicologia, comunicação e pós-verdade*. 2ª edição. Florianópolis: ABRAPSO, 2017, p. 88.

²¹ VIDAL, 2010, p. 8-9.

²² SILVA, T.M. da; TEXEIRA, T. de O.; FREITAS, S.M.P. de. Ciberespaço: uma nova configuração do ser no mundo. In: *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v.21, n. 1, 2015, p.178 Disponível em: <<http://seer.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/p.1678-9523.2015V21N1P176/8860>>. Acesso em: 21 de Set. 2020.

emudecer de narrativas, “fundamentando-se a insuflar vozes mais radicais nas redes e objetivando a contaminação do restante”²³.

Assim, sem a primazia do diálogo não coercitivo, as redes sociais se tornaram ambientes de violência online, ressaltando diferenças pela agressividade, sustentada e viralizadora de conteúdos falsos. Por demonstrações racistas, homofóbicas, machistas e espaços de intolerância, a violência simbólica origina-se na linguagem discursiva estruturados na aversão a qualquer ideia contraditória a modelos autoritários e autor referenciais. Para Garcia,

[...] a rede é uma arena de lutas, de construção de narrativa sobre política, sexualidade, saúde, sobre os principais marcos civilizatórios - e que precisa ser ocupada [...] As questões da sociabilidade digital são claramente questões de saúde. As violências perpetradas na internet têm evidentes consequências offline, de ordem simbólica, psíquica e na saúde mental. Essa é uma questão ainda nova para a saúde coletiva, mas merece toda a nossa atenção²⁴.

Ao abordar a questão do sujeito no campo virtual como aquele que torna público o que considera o melhor de si, explicita-se a publicização do lado mais preconceituoso e agressivo do seu ser. De certo modo, essa forma de relação social manifesta o *modus vivendi*, o que propicia vivenciar fantasias *on-line* e a imersão e dissociação de consciência. Há como que uma perda de noção temporal onde o sujeito altera o estado de consciência. Pode-se assemelhar a um transe entre realidade virtual e real, em que a vida *on-line* e *off-line* se funde definitivamente²⁵.

Há um mecanismo muito sutil presente nesse complexo mundo virtual. A partir da estimulação de paixões ou emoções individuais, confirmadas em grupo, desenvolve-se como uma onda reversa às pulsões contemporâneas. É presente este dispositivo em líderes, governos e admiradores de faceta fundamentalista, onde a sensatez do horizonte do comum é persuadida pelo o cultivo e tonificação do próprio eu e da própria lógica com rítmicas apelativas às dimensões morais e simplistas na referencialidade científica²⁶.

Percebe-se que a consciência, instância de última decisão do sujeito, condicionada nesses espaços virtuais, enfraquecendo-se diante das contínuas inclinações midiáticas, pode manifestar certa fragilidade na decisão ética. Emerge assim, além desse fenômeno presente no sujeito, um modo de governabilidade em que as *Fake News*, carregadas de perspectivas conspiratórias, encontram eco nas redes sociais. Segundo Guareschi,

[...] somos como que anestesiados e nos movemos passivamente em direções que dificilmente poderiam ser consideradas plenamente livres [...] com a digitalização de nossas existências, cada vez mais nossos gestos são orientados por algoritmos que nos fazem

²³ MELLO, P.C. A máquina do ódio – notas de uma repórter sobre fake news e violência digital. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 19.

²⁴ GARCIA, M. *Redes sociais e violência: dos horrores à resistência*. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/redes-sociais-e-violencia-dos-horrores-resistencia>. Acesso em: 21 de Set. 2020.

²⁵ KALLAS, M. B. L. de M. O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. In: *Revista Reverso*, Belo Horizonte, ano 38, n. 71, 2016, pp. 55-57. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952016000100006>. Acesso em: 21 de Set. 2020.

²⁶ EMPOLI, Giuliano da. *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígio, 2020, p. 72.

adotar comportamentos, não de modo coercitivo, mas sob uma forma incitativa através da estimulação do desejo²⁷.

A refinada construção de ideias presentes, trabalhadas e dissimuladas em algoritmos conduz o sujeito sugerindo novas formas de ver a realidade. A verdade é, neste sentido, concebida por sistemas; o sujeito a reproduz, aceita-a e a submete ao crivo do próprio arbítrio. Compreende, neste íterim, que as redes sociais, como instrumento de controle, transformam os adeptos da digitalização em consumidores ativos de novas ondas insufladoras de egos, validadoras de tradições e meio comunicativo de indignações raivosas²⁸. Transformam-se em multiplicadores pandêmicos da cólera e da divisão. Criou-se, portanto, essa ciberguerra onde se elegem novos inimigos em conformidade aos interesses e a manutenção do poder na atividade de canibalização mútua.

Para Foucault, a subjetividade, neste contexto, é construída na relação com a verdade, não pela teorização universal, mas pela originalidade e experiência do sujeito sobre si²⁹. Porém, como vislumbrar o dizer a verdade sobre si no campo digital em que discursos são previamente ditos como verdadeiros e são difundidos e alimentados na rede? Qual experiência o sujeito faz de si em meio a cultura de discursos verdadeiros sem espaço para independência? Segundo Emoli, “a internet é um território ainda livre. Uma fronteira inexplorada e selvagem, na qual a hegemonia do politicamente correto não teve tempo de se plantar [...] onde fatos ganham cliques e opiniões ganham desdém”³⁰.

De forma analítica, vê-se luzeiros indicadores para uma possibilidade de futuro mais humanizador. Sendo esse fenômeno atual, em que o espírito subversivo é profano e vulgarizado no clima onde o “louco vira sábio, os reis, mendigos e a realidade se confunde com a fantasia³¹, a vulnerabilidade da conectividade em seus efeitos não pode esmorecer a esperança da formulação educativa do sujeito em vista da autonomia e liberdade.

Assim, diante deste cenário desafiador, é urgente a promoção do exercício ético no espaço público real e digital. Emprega-se a necessidade do cultivo da autenticidade pessoal e a interpelação pelos contextos; diante disto, a formulação da subjetividade exige a tarefa de responsabilidade na edificação da verdade e da justiça³². Para isso, como meio de intensificação da vida e promotor de novos hábitos: o discernimento.

Reflexões em torno da formação da consciência em tempos polarização político-midiática

A nova forma de colonização da consciência, encontra nos sujeitos das redes digitais, protagonistas de uma nova identidade em construção enquanto o que comunicam e publicam. Nessas “terras digitais”, os colonizados permanecem expostos aos perigos frente às suas fragilidades. Mesmo com os avanços e emancipações dos usuários no contato e na promoção instantânea de informações, permanecem questões éticas acerca do exercício da veiculação de informações e dados.

²⁷ GUARESCHI, P. A. Psicologia e pós-verdade. In.: GUARESCHI, P. A.; AMON, D.; GUERRA, A. (orgs). *Psicologia, comunicação e pós-verdade*. 2ª edição. Florianópolis: ABRAPSO, 2017, p. 181.

²⁸ EMPOLI, 2020, p. 74.

²⁹ FOUCAULT, M. *Subjetividade e verdade: curso no Collège de France (1980-1981)*. São Paulo: Martins Fontes, 2016, p. 11-13.

³⁰ EMPOLI, 2020, p. 99-101.

³¹ EMPOLI, 2020, p. 12-13.

³² CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo atual. In *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 26a. ed. Petrópolis: Vozes, 1997, nº 55.

Avista-se um fenômeno de colonização dos novos sujeitos digitais, revelador de uma necessária formação da consciência. Para Guareschi,

O mito que se criou nos últimos anos que os usuários das mídias sociais passaram a possuir certo poder e recursos pessoais que poderiam contrabalançar os poderes institucionais da mídia dominante, controladora e a serviço das elites dominantes [...] a fragilidade desses usuários e como eles passam a ser vítimas de uma expropriação mais profunda e complexa, uma expropriação que atinge sua própria subjetividade³³.

Com o avanço da tecnologia, da complexidade dos padrões culturais, do pluralismo dos estilos de vida e dos valores, os dilemas sobre o que pensar e o que fazer são geradores de uma constante tomada de decisões. A resposta a estas decisões depende sobremaneira do vínculo em que a pessoa estabelece com o contexto social e com sua consciência. Portanto, todo enraizamento humano supõe certa conflitualidade³⁴. Este é gerador da vida moral onde se reconhece que a consciência, centro profundo do eu pessoal, é de onde provém as atitudes fundamentais que dão a densidade místico espiritual à fé vivida³⁵.

No atual contexto de uma sociedade pluralista e complexa, os sujeitos são chamados a fortalecerem suas identidades mediante processos concretos que auxiliem o desabrochar de sua vocação à liberdade. Hoje os sujeitos, recorrem não primeiramente à autoridade externa como última instância reguladora de seus comportamentos, mas à autoridade interna, ou seja, à própria consciência. Deste modo, é pela consciência que se decide e orienta a vivência particular mediante valores. Se a consciência representa a dignidade da pessoa e a responsabilidade de sua ação moral³⁶, este processo implica uma humanização e promoção da experiência de liberdade encontrada na verdade interior de cada indivíduo, como lugar a ser respeitado.

Nos últimos anos, o aparecimento de religiosos condutores morais e cabos eleitorais se intensificou. A imagem religiosa nos campos de comunicação se codificou em alistamento de seguidores e compartilhadores em potencial de discursos não alinhados com os deveres da Igreja que é “de anunciar a salvação pelos os meios de comunicação social, lembrando aos seres humanos como usá-los devidamente e cuidar da formação da consciência dos fiéis que usam desses meios, orientar e proteger tudo que seja feito nesse setor pelos católicos”³⁷.

O horizonte digital, sem tomar tons generalizadores, cerca-se de agentes que se somam aos mecanismos manipuladores que auxiliam na desconstrução do eu e do senso crítico. Se a consciência é o lugar deliberativo de decisões profundas, e isso é inquestionável, a problemática se aplica no *a priori* da manifestação da consciência, quando o sujeito constrói suas convicções e visões de mundo e homem, porque esse indivíduo engendrado em uma onda de discursos antiéticos, falsos e imprudentes socialmente, a sua expressividade seguirá a mesma conduta.

Michel Foucault analisando as práticas discursivas, traz como critério de elocução a *parresía* (franqueza, abertura do coração e do pensamento, da palavra, da linguagem, tudo-dizer, franco-falar e dizer verdadeiro) como qualidade ético-moral indispensável para a transmissão de um discurso verdadeiro como na constituição do si. A *parresía* de seu discurso colocará o ouvinte

³³ GUARESCHI, P. A. Sujeitos digitais: entre poderes e fragilidades. In: ANJOS, M. F. dos; ZACHARIAS, R. (Org.). *Ética entre poder e autoridade: perspectivas de teologia cristã*. Aparecida, São Paulo: Santuário, 2019, pp. 191-192.

³⁴ OVERBERG, K. R. *Consciência em conflito. Como fazer escolhas morais*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 23.

³⁵ MAJORANO, S. *A consciência*. Uma visão cristã. Aparecida: Santuário, 2000, p. 8.

³⁶ DEMMER, K. *Introdução a teologia moral*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 30.

³⁷ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Inter mirifica* sobre os meios de comunicação social. In: *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 26a. ed. Petrópolis: Vozes, 1997, nº 3.21.

em atitude de escuta e presença ativa, sendo uma “*parresía* circular”, no qual aquele que profere um dizer em volto em *parresía*, tem por parte do ouvinte uma *parresía* revertida, transformada em prática e modo de relacionamento entre si³⁸.

Sendo a *parresía* uma atitude de liberdade na fala, caminha ligeiramente por uma linha tênue sobre dois riscos: a lisonja e a retórica. A primeira, está atrelada à perspectiva de poder e cólera, atitude de violência descontrolada por parte do lado superior; em contrapartida, a lisonja é o reverso complementar do lado inferior, correspondente aos abusos de poder. Foucault indicará a *parresía* como antilisonja, pois como o instrumental de ambas é a linguagem a diferenciação se dará na finalidade, porque o lisonjeador utiliza a arte da fala em vista de si e de modo falso, discordante ao *parresiasta* que profere palavras francas sem o objetivo de alimentar relacionamentos de dependência ou em vistas de agradar. A *parresía* se configura por um discurso verdadeiro, honesto que dispensa a manutenção de forças de poder³⁹.

O segundo opositor a *parresía* - retórica, constitui-se pelo discurso não verdadeiro em três aspectos: técnica de persuasão, arte organizada por regras próprias de procedimento e agir sobre o interlocutor. A *parresía* também é técnica – própria ao discurso filosófico, lida com a verdade, garantindo na transmissão a não se alteração do código conforme a necessidade daquilo que está em vista de alcançar, é prudência e hábil. Como a retórica, a *parresía* age sobre o ouvinte, porém objetiva torná-lo mestre de si mesmo pela via da sabedoria, virtude e felicidade, por isso que o *parresiasta* não se define pela a glória pessoal, mas sim pela generosidade⁴⁰. Para Foucault,

A postura do parresiasta remete àquele que diz a verdade sem dissimulação, fala o que pensa sem reserva ou efeito retórico e se arrisca e expõe pela sua verdade. Dizer tudo, sim, mas em ligação com a verdade, sem mascarar-la, implicando sempre a relação com o outro, em que tais procedimentos servem a um papel útil, precioso, indispensável para a cidade e para os indivíduos, pois, através da parresia se estabelece a correspondência entre dizer e vive⁴¹.

A partir desse parâmetro foucaultino, observam-se os abusos orquestrados digitalmente sobre sujeitos que não conseguem protagonizar-se em meio ao caos de informações e conduções virtuais que geram uma sonora de crença à verdade dita, mesmo que seja absurda, mas como demonstração de lealdade se uniformiza e monta um exército, assim condensa em uma geração da desrazão, da irracionalidade e obscuridade. No fenômeno por trás do exercício de controle que a internet possibilita, está a existência da participação dos sujeitos que se vinculam e, de uma forma ou de outra, tornam-se visíveis. As manifestações de indignação, medo, preconceito, insulto, tornam-se reverberadas nas mídias proporcionando engajamento e debates, trazendo à luz temas ocultos e tabus sociais proporcionando chaves interpretativas da realidade⁴².

Também pela ótica da discursividade verdadeira analisada por Michel Foucault, faz-se emergente a criticidade sobre a pauta fundamentalista e conservadora que flutua no cenário contemporâneo religioso e político, às quais validam discursos, valores, ações e posicionamentos⁴³, projetando verdades individuais à conjuntura do comum, apontando uma moralidade pública

³⁸ FOUCAULT, M. *Hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982). 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 340.

³⁹ FOUCAULT, 2010, p. 333.

⁴⁰ FOUCAULT, 2010, pp. 343-346.

⁴¹ FOUCAULT, M. *A Coragem da verdade*: O governo de si e dos outros II. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 5.

⁴² EMPOLI, 2019, p. 24-25; 88-89.

⁴³ ALMEIDA, 2018, p. 164.

repressiva e regressiva. Nesses termos, é utópico a religião ou a política almejar a jurisprudência sobre a verdade do sujeito.

Deste modo, do ponto de vista ético, o tema da formação da consciência em tempos de colonização ideológica, exige uma rigorosa análise crítica em torno do grande desafio do humano: manter a unidade interior do sujeito, diante de situações conflituosas. Esta incessante busca pelo que significa o humano, e a sua plena realização, exige uma constante interpelação sobre as novas interpelações em sua consciência e a sua dignidade. Acredita-se que o fundamentalismo religioso revela que há uma espécie de analfabetismo, gerador de uma superficial e limitada onda de simplificação diante do fenômeno religioso.

Diante de ventos de fundamentalismo religioso de uma certa colonização ideológica, compete insistir na formação de uma consciência crítica que conduza o sujeito a uma vivência mais reflexiva da sua experiência de fé, como também insistir na importância e centralidade do aspecto educativo do discernimento, prioridade no serviço eclesial. Do ponto de vista teológico, pode-se encontrar na expressão do Papa Francisco, situada na complexa trama de relações culturais da sociedade, um estímulo para que se pense o tema da formação da consciência, sem pretender substituí-las com orientações heterônomas⁴⁴.

Assim, frente ao panorama de positividade e adversidade, vislumbram-se questões éticas e problemáticas acerca da autonomia correlacionada ao fundamentalismo e canais digitais. Com isso, é necessário a promoção de meios que protagonizem o sujeito perante sua própria existência e voz, a fim da superação das instituições de referencialidade que oprimem o exercício do discernimento como meio de fortalecimento e produção de uma verdade subjetiva, através de técnicas de direcionamento geradoras de corpos contidos, mudos e hipócritas⁴⁵.

Conclusão

O fundamentalismo religioso se demonstra como ator e condutor das ações de indivíduos que, na atualidade, institucionalizam suas idealizações e convicções, a fim de atingirem uma maior ou total gama da sociedade. Esse instrumento persuasivo se dá pela manifestação autoritária, odiosa e separatista com justificativas religiosas pautadas na dogmatização e leitura “ao pé da letra”, por exemplo, dos textos bíblicos.

O objetivo de demonstrar que a aliança entre a política e a religião, no cenário atual brasileiro, fortalece o exercício do poder domesticador sobre as consciências, através das diversas mídias digitais, destaca a estratégia desses organismos de tecerem a história conformada à sua “verdade”, atacando seus inimigos e criando um passado mítico, perdido no tempo, repleto de harmonia; e demonizando questões atuais⁴⁶ colocando em ameaça as minorias, a autenticidade do sujeito e o senso crítico.

Diante desta verificação de condicionamentos que ameaçam a possibilidade de uma bela vida do sujeito – permeada de liberdade e verdade⁴⁷, impõe-se a necessidade do reerguimento de consciências e instituições que valorizem o exercício dialógico e senso do espaço do comum, onde todos possuem o direito de manifestar sua liberdade e reverberar-se. Contudo, há o reaparecimento

⁴⁴ PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia*, sobre o amor na família. São Paulo: Paulinas, 2016, nº 37.

⁴⁵ FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1 – A vontade de saber*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019, p. 7.

⁴⁶ SCHWARCZ, L.M. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras 2019, p. 26.

⁴⁷ FOUCAULT, 2010, p. 380-381

de comportamentos e ideologias que estavam outrora adormecidas, que na onda de discursos antagônicos aos efeitos da contemporaneidade encontraram espaço para protagonizar-se em meio às fragilidades das consciências dos indivíduos.

Essa condição de vulnerabilidade é vista nas redes sociais, pois persuadidos por discursos fanáticos, sem honestidade histórica e escassez hermenêutica, as subjetividades são constituídas sob discursos falsos, regimes negacionistas e estruturam um poder em exercício, em que tais discursos se institucionalizam ou por senso comum são reconhecidos como verdadeiros a partir dos sujeitos⁴⁸.

Fala-se em “educação midiática” na atuação de checagem de fatos, combate as *Fake News* e responsabilização das plataformas pelo conteúdo disponibilizado⁴⁹. É preciso tais discursões e aparelhamentos para resguardar a socialização digital. Desta forma, parece que a atividade mais árdua e essencial do presente é encantar o sujeito pela busca da verdade pelo o trilho da reflexão, do processo, das indagações e da dúvida, pois, de certa maneira, este já se projeta na socialização de ideias e vozes. Nesse sentido, encontramos nas práticas dos discursos verdadeiros uma maneira de transformação do *ethos*.

Assim, é certo que o ambiente religioso como o civil, por vezes não são promotores de formação crítica, histórica e particular. Os homens e mulheres que compõem essas comunidades permanecem à deriva dos efeitos de interesses do poder em exercício. No cenário atual, o retorno ao passado é imperativo a grupos que não admitem a “desvalorização” de seus discursos perante as muitas ou a maioria dos apelos do sujeito do presente. Acabam, portanto, submetendo-se aos condicionamentos religiosos e ideológicos como meio corretivo dos males da modernidade, fundamentando-se na intolerância, tradição e autoritarismo.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Ronaldo de. *Bolsonaro Presidente: Conservadorismo, Evangelismo e a crise brasileira*. *Novos estud. CEBRAP* [online], 2019, vol. 38, n.1, p. 185-213. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002019000100010>. Acesso em: 05 de Ago. 2020.

ALMEIDA, Ronaldo de. Deuses do parlamento: os impedimentos de Dilma. In: ALMEIDA, R.; TONIOL, R. (Org.). *Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais*. Campinas, SP: Unicamp, 2018.

ANJOS, M. F. dos. Teologia Moral e história no contexto mundial inquieto. In: PESSINI, L.; ZACHARIAS, R. (Org.). *Ser e educar: teologia moral, tempos de incertezas e urgência educativa*. Aparecida, SP: Santuário, 2011.

BBC NEWS BRASIL. *Cinco pontos que marcaram os discursos de posse de Bolsonaro*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46730648>>. Acesso em: 06/08/2020.

BURITY, Joanildo. A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder? In: ALMEIDA, R.; TONIOL, R. (Org.). *Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais*. Campinas, SP: Unicamp, 2018.

⁴⁸ FOUCAULT, 2016, p. 12.

⁴⁹ MELLO, 2020, p. 245.

CAMPOS, F.V.O.; SILVEIRA, L.H.L.; BONFATTI, P.F. A religião e o fundamentalismo religioso na contemporaneidade: uma análise da psicologia junguiana. *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v.21, n. 2, jul./dez. 2018, p.167-185. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/22158>>. Acesso em: 05 de Set. 2020.

CAVALHEIRO, G.; BRANDÃO, C.G. Comunicação e retórica: um contexto teórico para pensar a pós-verdade. In: GUARESCHI, P. A.; AMON, D.; GUERRA, A. (Org.) *Psicologia, comunicação e pós-verdade*. 2ª edição. Florianópolis: ABRAPSO, 2017.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo atual. In: *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 26a. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Inter mirifica* sobre os meios de comunicação social. In: *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 26a. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

COSTA, M. L.; MESSIAS, A. S. *Fundamentalismo religioso: um fenômeno tipificável?* Revista Acadêmica de Filosofia e Teologia da Faculdade João Paulo II, nº18 (2018). Disponível em: <<http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/191>> Acesso em: 05 de Ago. 2020.

DEMMEER, K. *Introdução a teologia moral*. São Paulo: Loyola, 1999.

EMPOLI, G. D. *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígio, 2020.

FOUCAULT, M. *Subjetividade e verdade: curso no Collège de France (1980-1981)*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, M. *Hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. 3ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. *A Coragem da verdade: O governo de si e dos outros II*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1 – A vontade de saber*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GARCIA, M. *Redes sociais e violência: dos horrores à resistência*. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/redes-sociais-e-violencia-dos-horrores-resistencia>. Acesso em: 21.09.2020.

GUARESCHI, P. A. Psicologia e pós-verdade. In.: GUARESCHI, P. A.; AMON, D.; GUERRA, A. (Org.) *Psicologia, comunicação e pós-verdade*. 2ª edição. Florianópolis: ABRAPSO, 2017.

GUARESCHI, P. A. Sujeitos digitais: entre poderes e fragilidades. In: ANJOS, M. F. dos; ZACHARIAS, R. (Org.). *Ética entre poder e autoridade: perspectivas de teologia cristã*. Aparecida, São Paulo: Santuário, 2019.

KALLAS, M.B.L. de M. *O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise*. Revista Reverso, Belo Horizonte, ano 38, n. 71, p. 55-64, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952016000100006>. Acesso em: 21 de Set. 2020.

KONINGS, J. Fundamentalismo bíblico-teológico-religioso. In: MILLEN, M. I.; ZACHARIAS, R. (Org.). *Fundamentalismo: desafios à ética teológica*. Aparecida, SP: Santuário, 2017.

MAJORANO, S. *A consciência. Uma visão cristã*. Aparecida: Santuário, 2000.

- MATTOS, L. A. de. Fundamentalismo e intolerância na perspectiva da vida dos pobres, vulneráveis e excluídos. In: ANJOS, M.F. dos; ZACHARIAS, R. (Org.). *Ética entre poder e autoridade: perspectivas de teologia cristã*. Aparecida, SP: Santuário, 2019.
- MELLO, P.C. A máquina do ódio – notas de uma repórter sobre fake news e violência digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- NODARI, Paulo César; CESCÓN, Everaldo. Ética e religião. In: TORRES, João Carlos Brum (Org.) *Manual de Ética*. Questões de ética teórica e aplicada. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 489-509.
- OVERBERG, K.R. Consciência em conflito. Como fazer escolhas morais. São Paulo: Paulus, 1999.
- PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia*, sobre o amor na família. São Paulo: Paulinas, 2016.
- ROCHA, Z. *A perversão dos ideais no fundamentalismo religioso*. Revista Latinoam. Psicopat. Fund. São Paulo, 17 (3-Suppl.), 761-774, Set. 2014. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=A+pervers%C3%A3o+dos+ideais+no+fundamentalismo+religioso&rlz=1C1NHXL_pt-BRBR787BR787&oq=A+pervers%C3%A3o+dos+ideais+no+fundamentalismo+religioso&aqs=chrome..69i57j69i64l2.484j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8#>. Acesso em: 05 de Ago. 2020.
- SCHWARCZ, L. M. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SILVA, Juremir Machado da. *Raízes do conservadorismo brasileiro*. A abolição na imprensa e no imaginário social. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- SILVA, T. M. da; TEXEIRA, T. de O.; FREITAS, S. M. P. de. Ciberespaço: uma nova configuração do ser no mundo. In: *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, pp. 176-196, abr. 2015. Disponível em: <<http://seer.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/P.1678-9523.2015V21N1P176/8860>>. Acesso em: 21 de Set. 2020.
- VIDAL, M. Moral cristã em tempos de relativismo e fundamentalismo. Aparecida: Editora Santuário, 2010.